



# miguilim

revista eletrônica do netll

volume 10, número 1, jan.-abr. 2021

## AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS E SUAS INTER- RELAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DE TIRAS: UM RECURSO À PRODUÇÃO DE SENTIDOS



## INTERTEXTUAL RELATIONS AND THEIR INTER- RELATIONS IN THE CONSTITUTION OF COMIC STRIPS: A RESOURCE TO THE PRODUCTION OF MEANINGS

Mariana Machado de SOUSA  
Universidade Estadual do Piauí, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 03/09/2020 • APROVADO EM 22/02/2021  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v10i1.2865>

---

### Resumo

---

A intertextualidade é um fenômeno que pode ser considerado como recurso de produção textual e de sentidos configurada por meio de coadunações de relações. A fim de demonstrar a relevância dessa inter-relação, especialmente em textos verbo-visuais, neste artigo busca-se investigar as relações intertextuais presentes na construção de exemplares de tiras de “Um sábado qualquer”, de autoria de Carlos Ruas Bon, pautando-se em parâmetros de viés estrutural e funcional, já que se tem como foco, além da relevância do fenômeno para a constituição das tiras, a produção de sentidos. Considerando-se a existência de autores basilares ao estudo da intertextualidade – Genette (1982); Piègay-Gros (1996); Sant’Anna (1985); Koch (2004); Koch, Bentes e Cavalcante (2007); Cavalcante (2012) – a pesquisa encontra-se fundamentada em artigos, capítulos e teses –

Nobre (2014); Faria (2014); Cavalcante, Faria e Carvalho (2017); Carvalho (2018); Cavalcante, Nobre e Brito (2018), dentre outros – que ao tecerem aplicações e estudo das teorias basilares, ampliaram de forma satisfatória e reconhecida as pesquisas sobre a intertextualidade. Orientando-se pelos pressupostos da pesquisa qualitativa de cunho descritivista, selecionou-se quatro tiras, ancorando-se em adaptações do modelo proposto por Nobre (2014), bem como em Cavalcante, Nobre e Brito (2018). Os resultados ratificam a existência de inter-relações entre os fenômenos intertextuais e a relevância dessa consideração para a constituição das tiras e alcance e produção de sentidos pretendidos no texto.

---

## Abstract

---

The intertextuality is a phenomenon that can be considered as a resource for textual production and meanings, configured through coadunation of relations. In order to demonstrate the relevance of this interrelationship, especially in verb-visual texts, this article search for investigating the intertextual connections present at the construction of comic strips at “Um sábado qualquer” by Carlos Ruas Bon, are based on parameters of structural and functional bias, since the focus is, in addition to the relevance of the phenomenon for the constitution of the strips, the production of the meaning. Considering the existence of primary authors to the study of intertextuality – Genette (1982); Piègay-Gros (1996); Sant’Anna (1985); Koch (2004); Koch, Bentes and Cavalcante (2007); Cavalcante (2012) - the research is based on articles, chapters and theses – Nobre (2014); Faria (2014); Cavalcante, Faria and Carvalho (2017); Carvalho (2018); Cavalcante, Nobre and Brito (2018), among others – who, by weaving applications and studying the fundamental theories, have broadly and satisfactorily expanded their research on intertextuality. Based on the assumptions of qualitative descriptive research, four strips were selected, anchoring in adaptations of the model proposed by Nobre (2014), as well as Cavalcante, Nobre and Brito (2018). The results confirm the existence of interrelationships between intertextual phenomena and the relevance of this consideration for the constitution of the strips and the scope and production of meanings intended in the text.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Intertextualidade. Inter-relações intertextuais. Sentidos. Tiras.

**Keywords:** Intertextuality. Intertextual interrelationships. Meanings. Strips.

---

## Texto integral

---

### INTRODUÇÃO

A intertextualidade é muito mais que uma simples relação de um texto em outro, devendo ser considerada como um recurso de interação por meio do qual se deixam pistas essenciais ao entendimento do texto, constituindo-se, portanto, em um fenômeno de grande importância para a significação.

Desse modo, a postura mais adequada em um estudo sobre as relações intertextuais, além da classificação, está em buscar entender a relevância dessas relações e de suas peculiaridades para a produção de sentidos do texto, afinal a classificação traz uma gama de características subjacentes a cada tipo de relação

intertextual, características que devem ser associadas à constituição do texto, já que a intertextualidade é considerada como recurso de produção.

Diante desse posicionamento, lançou-se o desafio de investigar as relações intertextuais presentes na construção de exemplares de tiras de “Um sábado qualquer”, de Carlos Ruas Bon, definindo como caminho: identificar no *corpus* as relações intertextuais e suas inter-relações para a constituição das tiras, descrever as relações identificadas como fenômeno intertextual na construção das tiras tendo como âncora parâmetros estruturais (ou composicionais) e funcionais das relações intertextuais, assim como analisar a relação do fenômeno da intertextualidade e a construção dos sentidos nos exemplares do gênero.

Partiu-se da hipótese básica de que as tiras de “Um sábado qualquer”, que traziam a recorrência da intertextualidade, demonstravam tê-la como um fenômeno constitutivo e imprescindível configurado por meio da coadunação das relações intertextuais em um propósito maior de significação textual. Diante das hipóteses, traçou-se como questões a serem respondidas: Como a intertextualidade se manifesta nas tiras “Um sábado qualquer”? E como as relações intertextuais colaboram para a construção dos sentidos das tiras e do alcance dos propósitos comunicativos pretendidos?

Considera-se que um primeiro passo para se entender o fenômeno de intertextualidade, inclusive em textos verbo-imagéticos, a exemplo das tiras, é percorrer a trilha teórica basilar desses estudos constituída pelas contribuições de: Genette (2010), Piègay-Gros (2010), Sant’Anna (2003), Koch (2009) e Koch, Bentes e Cavalcante (2012), dentre outros.

Tomando esses estudos como basilares, apresenta-se na primeira parte deste artigo, como meio de alcance dos objetivos traçados, uma reflexão pautada na revisão do conceito de intertextualidade – conceito em constante reafirmação – fundamentando-se em autores que aplicaram, testaram e ampliaram os estudos basilares, bem como colocaram em cena textos verbo-imagéticos, e já consideraram de forma mais precisa a coadunação das relações intertextuais, como Cavalcante (2012), Nobre (2014), Faria (2014), Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), Carvalho (2018) e Cavalcante, Nobre e Brito (2018) – teses, artigos e capítulos que dialogam sobre a constituição de um conceito de intertextualidade em uma perspectiva de Linguística de texto. Ainda na primeira parte, traça-se de forma sucinta reflexões acerca do gênero tira, baseando-se em contribuições de Ramos (2009, 2014 e 2017), Vergueiro (2012) e Capistrano Jr. (2017).

A segunda parte do artigo traz a metodologia assumida, os procedimentos de coleta, as categorias de análise, adaptações do quadro de Nobre (2014) e Cavalcante, Nobre e Brito (2018), e os procedimentos de análise. Definindo-se a pesquisa como bibliográfica e classificada como de natureza descritiva, cujo *corpus* é constituído de 04 exemplares de tiras “Um sábado qualquer”, de autoria de Carlos Ruas Bon. A última parte apresenta as análises e as considerações.

## **INTERTEXTUALIDADE: A INTEGRAÇÃO DE PARÂMETROS NA CONSIDERAÇÃO DO FENÔMENO**

Os estudos sobre intertextualidade têm suas raízes em contribuições de Genette (2010), Piègay-Gros, (2010), Sant’Anna (2003) – no campo literário – e

Koch (2009) – em uma perspectiva de linguística textual. Precusores que primaram por uma definição, confirmação e relevância do tema e cujas obras são de leitura fundamental a quem pretende desenvolver qualquer pesquisa sobre intertextualidade.

A partir desses estudos, a intertextualidade torna-se objeto em diversos campos do saber. Na linguística textual surge um interesse em ampliar a noção de intertextualidade a um fenômeno relacionado à produção de sentidos, logo, em ir além do processo de identificação e classificação entre os fenômenos intertextuais, a serem considerados como primeiros passos. Posicionamento já sinalizado pelos autores basilares.

Koch, Bentes e Cavalcante (2012) embasando-se nesse e outros nichos apresentaram a grande contribuição para a área ao rediscutirem e ampliarem o trabalho de Koch (2004). Cavalcante (2012) é outro nome de grande relevância para os estudos sobre intertextualidade, pois além de reorganizar as contribuições de Piègay-Gros (2010) e ampliar as possibilidades de entendimento e identificação dos fenômenos, passa a instigar novas pesquisas acerca da temática e, conseqüentemente, a pôr em cena a necessidade de consideração da interconexão das relações intertextuais. Algumas dessas pesquisas formaram a base desse artigo.

Faria (2014) considera a intertextualidade como um fenômeno que se manifesta de forma implícita ou explícita, cuja relação possa ser identificada através de textos ou padrões de gêneros manifestados em textos, constituindo-se não apenas em textos literários, afinal, “[...] a intertextualidade não se manifesta apenas em textos escritos e extensos, mas varia em extensão e, muitas vezes, pode ser constituída com palavras, expressões ou imagens que remetam ao texto matriz” (FARIA, 2014, p. 52).

A autora corrobora com a ideia de que as relações intertextuais existem coadunadas, de forma que podem ser constituídas a partir de outras relações intertextuais, e a fim de um propósito maior, o propósito comunicativo e argumentativo. Faria (2014) apresenta, por exemplo, que as copresenças podem ser constitutivas das paródias. Esta, por sua vez, pode assumir efeitos diferentes a depender do ângulo priorizado pelo leitor, já que “o autor não tem total domínio sobre a função (ou regime) e que esta também não tipifica, portanto, o tipo de derivação, porque uma paródia pode sugerir efeitos ora lúdicos, ora satírico, ora sério, ou os três ao mesmo tempo” (FARIA, 2014, p. 95-96).

Para Nobre (2014), a intertextualidade é “uma estratégia de textualização por meio da qual se recorre a porções ou unidades de texto previamente produzidas para a composição formal de um outro texto” (NOBRE, 2014, p. 13). Nobre (2014) traz a problemática de uma perspectiva de resgate intertextual ancorada na recepção e compreensão de texto – defendendo que se espera por meio do leitor um resgate, mesmo que mínimo, de conhecimento do texto fonte para ajudá-lo na significação do texto – em separado de uma perspectiva de produção, que deixa suas marcas e indícios na materialidade do texto.

Como ratifica o autor, as relações intertextuais são fruto de um planejamento, “mesmo que um leitor porventura não recupere a relação intertextual (nos casos das alusões, principalmente), ela existirá, pois o produtor

do texto teve intenção de estabelecer uma relação intertextual e esperava que os potenciais leitores a percebesse” (NOBRE, 2014, p. 24).

Outra contribuição relevante para o refinamento do conceito de intertextualidade é a de Carvalho (2018) que em sua tese coloca a necessidade e possibilidade de aplicação de um quadro de classificação e entendimento a ocorrências concretas diversas, incluindo os textos multissemióticos.

A autora amplia as possibilidades de perspectiva do fenômeno intertextual, endossando a ideia de se considerar o termo intertextualidades (estritas e amplas), já defendido em Cavalcante, Faria e Carvalho (2017, p. 11), segundo as quais a intertextualidade pode ser “estabelecida por remissões de diversos tipos, tais como ao léxico, a estruturas fonológicas, a estruturas sintáticas, ao gênero, ao estilo, ao tom, dentre outras”.

Ao redefinir o conceito apresentado em Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), Carvalho (2018) conceitua a intertextualidade como: “recurso textual-discursivo por meio do qual se constrói, reproduz ou transforma o sentido” (CARVALHO, 2018, p. 18-19).

Ultrapassando a visão já cristalizada na qual o fenômeno da intertextualidade se constitui em uma relação entre textos específicos e recuperáveis, a autora trabalha com dois tipos de constituição das intertextualidades: estrita – copresença e derivação – e ampla – imitação de parâmetros de gênero, imitação do estilo do autor e pelas alusões a textos não particulares – sua grande contribuição para os estudos recentes sobre o tema.

No que diz respeito à função das intertextualidades, Carvalho (2018) posiciona-se de forma mais pungente que Nobre (2014). Para Carvalho (2018), “as funções das intertextualidades ultrapassam os limites formais. Acredita-se que elas têm a ver, sim, com a intencionalidade, com a tentativa de influenciar o outro e, por isso, são argumentativas” (CARVALHO, 2018, p. 84). Como defende a autora, dependendo dos propósitos gerais do texto, as relações intertextuais podem assumir diferentes funções, inclusive simultaneamente.

Se em Nobre (2014) essa possibilidade é apresentada de forma muito sinuosa, em Cavalcante, Nobre e Brito (2018) os autores apresentam de forma bem clara que as funções/regimes podem existir em um mesmo texto, não tendo o leitor que optar por apenas uma. Ao trazer a temática intertextualidade, Cavalcante, Nobre e Brito (2018) a colocam no campo dos estudos de compreensão textual, reafirmando o fenômeno como um recurso relevante para produção de sentidos já que é entendida como um “termo que designa uma série de operações textuais, por meio das quais um texto remete a outros. Essas operações textuais podem se dar de maneiras distintas e em diversos graus” (CAVALCANTE; NOBRE; BRITO, 2018, p. 180). De acordo com os autores, é por meio das relações intertextuais que se menciona outro texto, direta ou indiretamente, “por pistas nem sempre fáceis de apreender; é por ela que um gênero do discurso pode ser imitado por outro e derivar um outro texto em outro gênero, em jogadas espetaculares de criatividade” (CAVALCANTE; NOBRE; BRITO, 2018, p. 183).

Corroborando com Cavalcante, Nobre e Brito (2018), bem como na linha dos demais autores trazidos para a discussão, considera-se que tratar de intertextualidade é ponderar a necessidade de apreensão de variados pontos de vista, já que o fenômeno pode ser configurado e materializado por meio de muitas

operações textuais e suas inter-relações e, portanto, deve-se considerar, mas posicionando-se, diante das diferentes perspectivas de estudos, conceituação, critérios e repertório de categorias analíticas.

Desta forma, seria impossível, como defendeu Nobre (2014), tratar como iguais as classificações dos variados autores, já que essas classificações muitas vezes têm o mesmo nome, mas tratam de conceitos diferentes, ou são conceitos similares com terminologias diferentes. Essa gama de contribuições de perspectivas acabou, por outro lado, fazendo com que o próprio termo fosse sendo refinado ao longo do tempo, devido à necessidade de contextualização diante de cada área de estudo e da configuração dos elementos textuais e do próprio texto resultante dos avanços nas pesquisas.

Ao aproximar muitas das categorias dos autores basilares, Nobre (2014) acaba tecendo novas (ou não tão novas) reflexões e contribuições acerca dos fenômenos intertextuais. Opta por partir de uma verificação de afinidades das relações mais abstratas pertencentes a todos os tipos de intertextualidade. Nesse sentido, Nobre (2014) trabalha a partir de parâmetros. Cavalcante, Nobre e Brito (2018) reapresentam a contribuição de Nobre (2014) a partir de dois grandes parâmetros: um mais estrutural (constituído a partir das perspectivas composicional, formal e referencial) e outro mais funcional.

Nobre (2014) define que quando a intertextualidade é constituída pela relação entre dois textos específicos, a intertextualidade estrita, faz-se pertinente além da verificação do parâmetro funcional a verificação do parâmetro constitucional, este por meio da consideração do viés composicional – da natureza da composição (se por copresença ou por derivação), do viés formal (reprodução, adaptação ou menção) e referencial – o grau de referencialidade ao texto original (explicitude ou implicitude).

Considerando que o parâmetro funcional atravessa tanto a intertextualidade estrita quanto a ampla, bem como que a funcionalidade perpassa todos os recursos intertextuais, Nobre (2014) ressalva que a funcionalidade quando disposta de forma dicotômica “reduz a riqueza que é o caráter funcional dos usos de intertextualidade” (NOBRE, 2014, p. 104).

Ressalva que ganha ênfase em Cavalcante, Nobre e Brito (2018) ao apresentarem de forma mais clara que “é conveniente ressaltar, todavia, que a distinção entre o lúdico e o satírico é sempre muito difícil de ser estabelecida, pois o que é lúdico para determinado indivíduo pode ser satírico para outro” (CAVALCANTE; NOBRE; BRITO, 2018, p. 192). Assim, os autores defendem que as duas funções além de ficar meio a cargo do leitor, podem existir juntas em um mesmo texto.

Corroborando com os autores destacados, considera-se que a intertextualidade é um recurso de produção textual e de significados, disto podendo falar em inter-relações: primeiramente, em uma perspectiva de relação traçada entre produtor e leitor que por meio de uma interação de marcação (explícita ou implícita) e resgate, dada em diversos níveis, como defende Faria (2014), juntos criam as possibilidades significativas para o texto a partir de seus contextos e de seus propósitos; a par dessa relação mais subjetiva e cuja averiguação, portanto, torna-se mais complexa, surge uma segunda perspectiva de relações constituídas por fenômenos no texto.

É nessa segunda percepção que se confirma a coadunação das relações intertextuais, bem como de seus regimes (lúdico e satírico). Coadunação que assegura que os fenômenos de intertextualidade não são dados de forma incongruente e isolada nos textos, mas em uma complementação ou estando um em função de outro. Deixa-se claro, no entanto, que ambas as perspectivas acontecem de forma interligadas, afinal, o texto se dá em um contínuo.

A coadunação configura-se de modo diferente dependendo do gênero em questão. No caso das tiras, a inter-relação intertextual pode ser percebida tanto na perspectiva geral da tira quanto na constituição quadro a quadro, devendo-se considerar, impreterivelmente, as duas formas, afinal, a significação no gênero tira não se dá em quadros desconexos, mas a partir da leitura geral.

A opção pelas tiras “Um sábado qualquer” se deu em decorrência da confirmação da recorrência da intertextualidade como uma das marcas de constituição das tiras apresentada por Castro (2016). Antes de maiores especificações, apresenta-se um resgate sobre o gênero em tira.

### **TIRAS: SOBRE CONCEITUAÇÃO, CONFIGURAÇÃO E FUNCIONALIDADE**

O caráter intertextual permeia a constituição das tiras desde o nascedouro do gênero, ou dos gêneros, pois como esclarece Ramos (2009), a tira apresenta-se como um dos gêneros do grupo dos quadrinhos. Com o descobrimento e aceitação dos quadrinhos como produção artística e educativa há uma busca por fazer com que o gênero desempenhe uma função utilitária e, desta forma, passa a ser muito presente e estratégico o uso de variadas relações intertextuais, por exemplo, em: antologias de HQ sobre personagens históricos, figuras literárias, eventos históricos, publicações de histórias religiosas e de fundo moral, obras literárias e de personagens e temas de obras de Freud, Lenin, Einstein, Darwin, Marx etc. em HQ (VERGUEIRO, 2012).

Para Ramos (2014) a tira é “um texto tendencialmente curto [...] com desfecho inesperado, tal qual uma piada, com personagens fixos ou não” (RAMOS, 2014, p. 101). O autor defende que não se pode considerar como tira apenas aquele modelo tradicional organizado horizontalmente.

Em Ramos (2017) sistematiza os vários formatos das tiras em seis categorias, baseando-se em ocorrências encontradas em suas pesquisas e levando em consideração as possibilidades trazidas pelas mídias virtuais: tiras tradicionais, duplas ou de dois andares, triplas ou de três andares, longas, adaptadas e experimentais.

Sendo um produto da atividade discursiva de produção textual, as tiras, assim como qualquer outro gênero, são fruto de escolhas feitas no ato de produção, determinadas na relação produtor e leitor e os contextos. E como sumariza Ramos: “as condições contextuais de uso e de circulação, bem como a rotulação utilizada para se referir àquela produção, constituem elementos importantes para uma identificação mais precisa do que seja, de fato uma tira e não podem ser ignorados nesse processo” (RAMOS, 2017, p. 31).

Em torno da conceituação do gênero tira, Capistrano Júnior (2017) dá ênfase à relevância da função lúdica e das estratégias textual-discursivas que conduzem a um final inesperado. Enfatiza, ainda, a presença de marcas de

oralidade, tais como turnos conversacionais, pausas e silêncios, além da presença do vocabulário informal – essas características nas tiras podem ser concretizadas por meio da linguagem não verbal, especialmente os desenhos, mas também por meio de recursos visuais exclusivos, como: variação nos tipos de balões, requadros, linhas cinéticas, planos, ângulos e por meio dos variados recursos próprios da linguagem quadrinística.

Como se pode perceber, as tiras, devido à sua função social, muitas vezes marcadas pelo divertimento ou crítica através do humor, apresentam-se constantemente, recorrendo às diversas formas de produção, trazendo à tona a hibridização, as semioses, a heterogeneidade, a intertextualidade, a intergenericidade, etc. O gênero, no entanto, apresenta suas peculiaridades, suas marcas e registros que servem como definidores das intenções e propósitos de quem o produz e o utiliza.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A partir do objetivo de investigar as relações intertextuais presentes na construção das tiras “Um sábado qualquer”, por meio de exemplares do gênero, acreditou-se na pertinência em identificar no *corpus* as relações intertextuais e suas inter-relações para a constituição das tiras, descrever as relações identificadas como fenômeno intertextual na construção das tiras, tendo como âncora os aspectos funcionais dessas relações e analisar a relação do fenômeno da intertextualidade e a construção dos sentidos nos exemplares.

O artigo apresenta uma pesquisa qualitativa, já que se constitui em uma investigação de dados mais direcionada para discussão e explicação dos fenômenos intertextuais, não cuidando de quantificar números de ocorrências desses fenômenos nas tiras, e, ainda, classificada como de natureza descritiva, pois busca-se registrar e analisar os fenômenos sem manipulá-los, partindo-se da descrição das relações intertextuais com os propósitos comunicativos das tiras e com a produção dos sentidos nesse gênero.

O *corpus* é constituído de 4 exemplares do gênero tira de “Um sábado qualquer”, de autoria de Carlos Ruas Bon, retiradas do blog “Um sábado qualquer” instalado no endereço eletrônico <https://www.umsabadoqualquer.com>. As tiras selecionadas serão posteriormente identificadas como T(1), T(2), T(3) e T(4), e apresentam-se como representativas das relações intertextuais que configuram recorrências nas demais produções. Os quadros que compõe as tiras serão identificados como q1, q2... qn.

A seleção dos exemplares de tiras que constituem o *corpus* foi feita a partir dos seguintes critérios de escolha: consideração apenas de 4 das 18 séries (No princípio, Jesus, Raul Seixas, Mandamentos e escrituras); somente tiras de até dois andares (RAMOS, 2017); manifestação de intertextualidade estrita (NOBRE, 2014), isto é, quando se sabe com exatidão a fonte do intertexto; representação das relações intertextuais e de suas coadunações, de forma que se possa demonstrar de modo significativo e o paralelo entre as relações intertextuais e a produção dos sentidos.

Sobre as categorias de análise, partindo-se da pretensão de considerar não apenas o aspecto formal da intertextualidade, mas uma postura em que se

considere todos ou a maioria dos aspectos que propiciam o entendimento relacionados à produção dos sentidos, decidiu-se por uma aproximação com o quadro proposto por Nobre (2014) e sua remodelagem, proposta em Cavalcante, Nobre e Brito (2018).

A adaptação do quadro deu-se em duas vertentes: quanto ao parâmetro constitucional, considerou-se apenas casos de relações de intertextualidade estrita e quanto ao parâmetro funcional considerou-se a possibilidade de atravessamento dos dois regimes, conforme alertado em Nobre (2014) e endossado em Cavalcante, Nobre e Brito (2018), bem como em Carvalho (2018).

<b>Parâmetro constitucional</b>
<b>Parâmetro composicional:</b> A) Derivação: o novo texto é gerado a partir de todo o texto fonte; paródia; B) Copresença: composta por fragmentos de um texto em outro, por remissões a personagens ou traços dele ou aspectos multimodais que evocam outros textos.
<b>Parâmetro formal:</b> A) Reprodução: não existem alterações em relação ao texto original; é o caso das citações. B) Adaptação: há uma preservação do conteúdo do texto original, mas com alterações sintáticas; C) Menção: a relação se dá por meio da alusão ou da referência, já que há a ausência do texto original.
<b>Parâmetro referencial:</b> A) Explicitude: quando se expressa textualmente a autoria e(ou) a obra que se retoma, podendo-se considerar também outros indícios como o nome dos personagens ou marcas tipográficas. B) Implicitude: quando não se está expresso a autoria e(ou) a obra, nem aparecem indícios que identifiquem a autoria e(ou) a obra; o conhecimento da fonte depende do conhecimento de mundo do leitor.
<b>Parâmetro Funcional</b>
A) Captação: o texto segue a mesma orientação argumentativa do intertexto; Subdivide-se em: <i>Para a convergência</i> (argumento de autoridade) e <i>para a divergência</i> (reprodução para contra-argumento). B) Subversão: aproxima-se do texto fonte para em seguida dele distanciar-se (regime lúdico e/ou regime satírico)

**Quadro 1** – As categorias de análise da pesquisa.

**Fonte:** Adaptação de Nobre (2014); Cavalcante, Nobre e Brito (2018).

Diante das categorias definidas como embasadoras à análise e dos exemplares coletados, a partir da delimitação traçada e dos procedimentos de coleta, foi possível se analisar os textos tendo como procedimentos de análise: a apresentação, descrição da tira e identificação do (s) texto (s) fonte (s), considerando nas passagens bíblicas apenas as citações e optando-se por não descrever o texto original para dinamização do espaço do artigo; a identificação dos fenômenos intertextuais a partir das categorias definidas na adaptação proposta no quadro de Nobre (2014) e sua consequente classificação; a análise e discussão sobre a inter-relação dos fenômenos intertextuais para a constituição da tira e da produção de sentidos.

## **ANÁLISES DAS TIRAS “UM SÁBADO QUALQUER”**

A seguir, os exemplares de tiras e as análises empreendidas a partir do proposto:



**T(1)** – Raul Seixas 3.

**Fonte:** <https://www.umsabadoqualquer.com/?s=raul+seixas+3> Acesso em: 15/10/18.

T(1) é uma tira da série Raul Seixas cuja referência da postagem é de 16 de julho de 2010 e apresenta os personagens Deus, Raul Seixas e Luciraldo. Em q1 aparecem à esquerda os personagens Luciraldo, tocando guitarra, e o personagem Raul Seixas, tocando e cantando. À direita aparece o personagem Deus deitado, aparentemente, sonolento ou irritado com o barulho produzido pela música cujo som parece estar muito intenso, como se pode perceber por meio dos desenhos das caixas de som, cujas vibrações são representadas pelos desenhos de parábolas. No q2 algo dito na canção chama a atenção do personagem Deus que desperta assustado e emite um questionamento “O quê?” e vai tomar satisfação: “Adorar quem quiser, hein?” (q3).

Nos q1 e q2 o personagem Raul Seixas apresenta trechos da música “A lei” que surge como texto fonte. A música foi a segunda faixa do álbum A Pedro do gênesis, lançado em setembro de 1988, de autoria do músico, cantor e compositor Raul Seixas (1945-1989), considerado um dos pioneiros do rock no Brasil e que suscitava em suas músicas, dentre outras, temáticas sobre direitos humanos, como a liberdade de pensamento e de livre expressão, como na tira. Vejamos o trecho do texto fonte trazido na tira:

*“Todo homem tem direito de amar a quem quiser/ Todo homem tem direito de viver como quiser/ Todo homem tem direito/ de morrer quando quiser/ Direito de viver/ viajar sem passaporte/ direito de pensar/ De dizer e de escrever/ Direito de viver pela sua própria lei/ Direito de pensar de dizer e de escrever/ Direito de amar/ como e com quem ele quiser (Viva a sociedade alternativa). A lei do forte/ Essa é a nossa lei e a alegria do mundo/ Faz o que tu queres ah de ser tudo da lei/ Fazes isso e nenhum outro dirá não/ Pois não existe Deus se não o homem/ Todo o homem tem o direito/ de viver a não ser pela sua própria lei/ Da maneira que ele quer viver/ de trabalhar como quiser e quando quiser/ De brincar como quiser [...] o homem tem direito de pensar o que ele quiser, de escrever o que ele quiser./ De desenhar, de pintar, de cantar,/ de compor o que ele quiser,/ Todo homem tem o direito de vestir-se da maneira que ele quiser/ O homem tem o direito de amar como ele quiser/ tomai vossa sede de amor, como quiseres e com quem quiseres/ Há de ser tudo da lei/ E o homem tem direito de matar/ todos aqueles que/ contrariarem a esses direitos”.*

**Fonte:** <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/90574/> Acesso em 22/06/2019.

Analisando a T(1) a partir de um *parâmetro constitucional*, nota-se que o texto fonte aparece explicitamente na tira por meio da referência “Raul Seixas” no título, bem como na parte não verbal – o personagem e, ainda pelas pistas deixadas em q1: a representação de notas musicais.

Percebe-se que q1 e q2 apresentam fenômenos de copresença por meio de trechos adaptados: em q1, embora não se tenha uma reprodução literal do trecho do texto fonte, devido às alterações sintáticas, percebe-se a existência de trechos significativos que retomam o original e são acrescentados os verbos “falar” e “comer”, que não aparecem no texto fonte, mas que ratificam as possíveis temáticas suscitadas na música e que representam temáticas tratadas nas tiras de “Um sábado qualquer”; em q2 a adaptação é feita pelo acréscimo da expressão “*Todo homem tem direito de adorar o que quiser*”. O trecho seguinte é uma reprodução literal do trecho da música.

A adaptação feita em q2 vai gerar a quebra de expectativa na tira: quando em q2 o personagem Deus é surpreendido pela canção e em q3 mostra que o motivo de sua revolta é o trecho correspondente à liberdade de adoração (“*Todo homem tem direito de adorar quem quiser*”), enquanto se esperaria que fosse o trecho da música “*direito de matar todos aqueles que contrariarem a esses direitos*”, algo que seria inaceitável quando se considera tanto as leis humanas e divinas.

O posicionamento do personagem Deus, que surge como uma referência ao Antigo Testamento, em q2, e confirmação em q3, diante da citação da música, traz à cena por meio do *parâmetro formal* de menção (alusão) um outro texto fonte: a passagem bíblica dos mandamentos, em especial o Mandamento nº 1, cujo resgate deve ser feito pelo leitor da passagem bíblica em Êxodo 20, 3-6.

A quebra de expectativa está na passagem entre q2 e q3, nas quais o personagem Deus concordaria com a liberdade (“A sociedade Alternativa” intertextualmente presente na música “A lei”) correspondente ao que é citado (falar, cantar, comer, vestir, viajar – “faz o que tu queres, há de ser tudo da lei” – no texto fonte), exceto com a de “*adorar quem quiser*”, subversão feita pelo autor, já que o Mandamento 1º da Lei de Deus sintetiza: “Amar a Deus sobre todas as coisas”, concordaria, inclusive com a liberdade de “matar todos aqueles que contrariassem a esses direitos”, citação que iria contra outro mandamento da Lei de Deus: “Não mate” (Ex 20, 13), grupo que no contexto da tira o incluiria, afinal ele discordou em um aspecto.

Desta forma, tem-se na tira, quanto ao *parâmetro funcional*, uma relação de captação em q1 em que há a apresentação (paráfrase) do texto fonte (embora haja a inserção dos verbos “falar” e “comer”), inclusive devido à explicitude de autoria (título e imagem do personagem Raul Seixas) que poderia configurar-se como um argumento de autoridade, em seguida, há um distanciamento, pois em q2 já se propõe uma subversão do texto fonte ao se acrescentar a expressão “*Todo homem tem direito de adorar quem quiser*”, já que a ideia trazida na música é a de que “[...] não existe Deus se não o homem”, o homem é a sua própria lei (lei da vontade: a lei esotérica de Thelema defendida por Raul Seixas), subversão que gera a quebra de expectativa e possibilita a alusão ao texto fonte bíblico.

Na relação de subversão: aproxima-se do texto fonte 1, a música, para em seguida distanciar-se dele ao colocar em discussão o paralelo entre ateísmo/

monoteísmo/ politeísmo. Enquanto na música o homem vive sob a sua própria lei (“pois não existe um Deus”) na tira, e na alusão ao texto fonte 2, a passagem bíblica, defende-se a possibilidade de existência de Deus ou algum deus.

A subversão, por estar no cerne da quebra de expectativa, configura ou contribui para a geração do cômico, o humor. Percebe-se, corroborando com Cavalcante, Nobre e Brito (2018), que a forma como as relações intertextuais vão sendo apresentadas e o texto da tira vai sendo construído no avançar das vinhetas, bem como quando se considera as temáticas trazidas para o texto, torna-se conflituoso optar pela supremacia de um único regime: satírico ou lúdico.

Na tira constatou-se que as várias relações intertextuais existentes, dadas formalmente por adaptação e menção, são usadas de forma a complementarem-se com um objetivo maior de auxiliar os leitores no resgate das temáticas que podem ser suscitadas e possibilitar a produção de sentidos. Acredita-se que, conforme possibilita o gênero tira por meio das vinhetas, o posicionamento argumentativo vai sendo construído no avançar dos quadros, podendo-se quando se analisa quadro a quadro perceber a relevância individual de cada relação intertextual no instante dado e a relevância do fenômeno intertextual como um todo: em que as relações se coadunam a fim de se criar, por meio do conflito sugerido no texto, no contexto geral a subversão dos textos fontes.



**T(2)** – Nem só de pão viverá o homem.

**Fonte:**

<https://www.umsabadoqualquer.com/?s=nem+s%C3%B3+de+p%C3%A3o+viver%C3%A1+o+homem> Acesso em: 20/07/18.

T(2) é uma tira do tipo tradicional, pertencente à série Jesus. Tem como data de postagem o dia 25 de novembro de 2015 e apresenta os personagens Jesus e Adão (bonequinho na cor preta). Em q1, o personagem Jesus aparece com expressão de concentração e postura de ensinamento (o dedo apontado) dizendo ao personagem Adão: “*Nem só de pão viverá o homem...*”. Em q2, Jesus é interrompido e surpreendido por Adão que completa de forma eufórica (como se pode inferir por meio do negrito inicial e da mudança na fonte da letra, bem como na manifestação de movimentação dos braços do personagem representados na cena): “*Pizza! Também viverá de pizza... e de bacon!*”.

Em T(2), pode-se perceber dois momentos: em q1, o personagem Jesus dando um de seus Sermões a Adão, isto é, passando seu ensinamento, alerta, por meio de uma linguagem conotativa, sobre a necessidade de resistência diante das tentações; em q2 há uma quebra de expectativa quando o personagem Adão interrompe Jesus de sua inspiração e completa a frase, tomando-a e completando-a em um sentido mais literal.

Ao fazer uso, em q1, da expressão “*nem só de pão viverá o homem*” o autor da tira cita diretamente uma passagem bíblica, já apresentada no título, que devido à imagem de Jesus, leva o leitor a buscar no Novo Testamento o texto fonte, no caso, no Evangelho de Matheus 4,4.

Desta forma, percebe-se que há em q1 a construção através da relação intertextual em que o leitor é convidado a recuperar, por meio da citação do versículo, a cena em que Jesus é tentado pelo diabo no deserto a, diante de sua fome após o jejum, transformar pedras em pães e que ao fazer uso da Escritura reforça o dever de permanecer fiel diante do projeto divino. A relação trazida para a construção da tira se dá, justamente, na quebra de expectativas, configurada no personagem Adão que busca o tempo todo a realização de prazeres.

Analisando a T(2) a partir de um *parâmetro constitucional*, nota-se que, embora o texto fonte não apareça expresso textualmente, pode-se considerar uma *relação referencial* de explicitude pelo fato de ser a passagem bíblica, mesmo não marcada tipograficamente, considerada como conhecida, notória. Outro indício seria a representação do personagem Jesus, personagem também da cena bíblica aludida por meio da citação. Desta forma, a não marcação da fonte e da citação não prejudicará o entendimento e a presença do fenômeno da intertextualidade. Pois, como defende Cavalcante (2012): “nesses casos, o autor considera que seu(s) destinatário(s) terá(ão) condições de recuperar o intertexto, em geral facilmente reconhecível por pertencer a conhecimentos culturalmente compartilhados” (CAVALCANTE, 2012, p. 148).

A construção se dá *formalmente* por uma reprodução, quando se considera a citação em q1, mas em continuidade, *formalmente* por uma adaptação, quando se considera toda a tira, já que aparecerão alterações dadas pela “fala” de Adão. Assim, com relação à *composição* – observa-se a copresença por meio de uma adaptação, embora se perceba uma reprodução quase que literal no primeiro quadro, a complementação proposta no segundo quadro a modifica, mas resguardando a existência de trechos significativos que retomam o texto original. Nesse contínuo, o trecho tomado seria: “*Nem só de pão viverá o homem... de pizza! Também viverá de pizza! E de bacon!* (q1 e q2).

Disto, acredita-se que a função é de subversão – desvia-se o tema do texto original e o significado é isolado para aplicação em outro tema; o processo de subversão na tira apresenta um viés lúdico muito mais forte que a intenção de ridicularizar o texto original. Percebe-se que as citações são usadas para construção da ludicidade, provocada pela quebra de expectativa do leitor: Adão interrompe e completa a citação de Jesus provocando uma subversão e criando uma mensagem totalmente contrária ao texto fonte. Na tira, há a contribuição de uma relação de copresença, marcada no q1, na construção de uma relação de derivação.

Em T(2) as relações intertextuais convergem para a produção do humor do texto. O tema central, então, seria a dificuldade humana de manter-se resistente diante do pecado da gula. Enquanto se pode falar no primeiro quadro de uma consideração metafórica para “pão” – representando tudo que pudesse ser considerado como alimento para o corpo em oposição aos alimentos para a alma, como as orações e o jejum, por exemplo – em uma associação das relações entre os dois quadros, a expressão “pão” é tomada em um sentido literal, para que se possa

incluir o cômico ao acrescentar na “fala” de Adão outros tipos de alimentos, normalmente, associados ao prazer do ato de comer e não somente à necessidade de alimentação, já que pizza e bacon aparecem como alimentos muito apreciados, mas que se consumidos de forma desenfreada podem provocar danos à saúde.

Dessa forma, há uma quebra de expectativa (no paralelo entre alimento para o corpo e para o espírito) e, conseqüentemente, a promoção do lúdico da tira. A quebra de expectativa pode ser indiciada, inclusive, pelo olhar do personagem no q2, que demonstra surpresa na interrupção feita pelo personagem Adão. Dessa forma, as relações que emanam da leitura do texto possibilitam a percepção de uma ambigüidade no título da tira “Nem só de pão viverá o homem”.



**T(3)** – Coisas que acontecem com qualquer um.

**Fonte:**

<https://www.umsabadoqualquer.com/?s=coisas+que+acontecem+com+qualquer+um/>  
Acesso em: 24/07/18

T(3) é uma tira da série Mandamentos e Escrituras que tem como data de postagem o dia 10 de outubro de 2012 e apresenta no centro da cena o personagem Deus e como coadjuvantes os personagens Luciraldo, Adão e Eva. Em q1 o personagem Luciraldo questiona “O que foi?” ao personagem Deus que aparece pensativo, como se buscasse resgatar na memória alguma informação. O personagem Deus responde ao questionamento em q2 com uma pergunta retórica: “Sabe quando você acha que esqueceu de alguma coisa...” com a expressão de quem ainda busca encontrar o que procura em sua memória.

Em q3 o personagem Deus, que agora aparece sozinho no centro da cena, tem um insight e exclama incisivamente por meio de grito (como se pode perceber na expressão facial do personagem – mãos colocadas no rosto, boca aberta e olhos arregalados – bem como por meio dos pingos e traços ao redor do personagem): “Que droga!”. No q4 o personagem Deus encontra-se abrindo a boca de uma baleia retirada da Terra que aparece no canto direito do quadro, após já ter feito isso com outras, conforme se pode concluir por meio da pilha de baleias que aparece na parte esquerda.

A tira é estruturada em torno da referência “Jonas” e da alusão à sua história bíblica. O livro de Jonas pertencente ao Antigo Testamento está organizado em quatro breves capítulos e narra uma história acerca da conversão dos ninivitas,

anunciando, conforme as bíblias católicas, a misericórdia a esse povo muito odiado por Israel.

Jonas, no livro, recebe de Deus a missão de ir até Nínive, capital da Assíria, anunciar ao povo que Deus agiria de forma devastadora na cidade por conta de tantos pecados, mas na tentativa de fugir da missão dada, Jonas decide ir, justamente, em sentido oposto. Assim, embarca em um navio que vai em direção a Társis, mas é surpreendido por uma grande tempestade mandada por Deus, que assusta a todos os marinheiros que decidem orar cada um a seu deus. Ao perceberem que a tempestade seria um castigo a Jonas, que de algum modo teria irritado Deus, os marinheiros decidem jogá-lo ao mar. Ao cair no mar, a mando de Deus, Jonas é engolido por um grande peixe, em cujo ventre permaneceu por três dias e três noites antes de se arrepender e cumprir sua missão.

Na tira, o leitor é desafiado a resgatar em seus conhecimentos não apenas a referência Jonas, livro bíblico, mas a aludir toda a história do personagem representada no livro de mesmo nome, só assim, significará adequadamente a presença das baleias (“peixe grande”) na tira, bem como da ação do personagem Deus de procurar por alguém dentro dos animais e associar a ideia de esquecimento apresentada pelo personagem ao tempo em que o personagem Jonas, do livro, ficou dentro da Baleia.

As relações intertextuais se dão, portanto, em um *parâmetro constitucional* por meio de uma relação *composicional* de derivação na qual se observa que toda a história do livro de Jonas é resgatada na construção da tira de forma que a ideia de esquecimento e castigo trazidas para a tira sejam justificadas pelo conhecimento, respectivamente, do tempo e da motivação na relação Jonas/baleia. Assim, se tem uma paródia da história bíblica. Na tira se parodia a motivação de Jonas ter permanecido dentro da baleia por um esquecimento de Deus, como se pode comprovar em q1 e q2, e uma possível tentativa de amenização da ação de esquecer por uma categorização de castigo.

Considerando-se que não há na tira nenhum caso de reprodução literal e de adaptação, há o registro de o *parâmetro formal* ser constituído através de menção: na ausência do texto original na tira, a relação é constituída por uma alusão à passagem bíblica correspondente ao livro de Jonas, referenciado dentro da própria tira (“Jonas”) e também marcada na parte visual através do desenho das baleias. Dessa forma, quanto ao *parâmetro referencial* defende-se uma explicitude já que tanto o nome quanto o personagem do texto fonte, que são homônimos, aparecem expressos textualmente.

Percebe-se uma relação de subversão já que, embora se tenha a ideia central de o personagem ter permanecido devido a um castigo dentro de um peixe grande, a motivação e a ideia de “castigo” diferem-se no livro e na tira: no livro foi devido à desobediência de Jonas diante da ordem de Deus e na tira a demora na retirada do personagem foi resultante de mero esquecimento do personagem Deus e na procura de uma dentre tantas baleias. Em T(3) o conflito entre lúdico e satírico emerge acreditando-se que ambos os regimes estão presentes, ficando a cargo do leitor a aceitação de apenas um ou dos dois. O lúdico seria constituído e justificado pelo título “Coisas que acontece com qualquer um”, portanto, também, com o personagem Deus (esquecer de fazer algo e tentar se redimir sem assumir a

culpa) e o satírico sustentar-se-ia pelo mesmo motivo: reduzir a relevância da passagem bíblica a um mero esquecimento.

Em T(3) as relações intertextuais são constitutivas da tira, que se dá em torno da intertextualidade com o texto fonte. O que se pode afirmar sem dúvida alguma é a relevância das relações de referência e alusão para a produção de sentidos na tira, para a constituição da paródia. Mais uma vez as relações intertextuais se dão de forma coadunadas, como já indicia o quadro de Nobre (2014) e demonstram-se por meio da semiose de linguagens.

Para o leitor a produção de sentidos será resultante da apreensão dos parâmetros apresentados, não necessariamente de forma tão analítica. Portanto, desconsiderar, na tira, o resgate ao texto fonte prejudicaria a significação proposta, inferida aqui como de paródia ao texto fonte com o objetivo de geração de humor, de sátira, bem como de crítica diante de posicionamentos religiosos.



**T(4)** – Uma tempestade em um copo... digo, em um planeta.

**Fonte:**

<https://www.umsabadoqualquer.com/?s=Uma+tempestade+em+um+copo...+digo%2C+em+um+planeta> Acesso em: 27/01/19.

T(4) é uma tira pertencente à série No princípio e tem como data de postagem o dia 28 de outubro de 2018 e coloca em cena os personagens Deus e Luciraldo. Em q1 o personagem Luciraldo surge de um buraco, acesso de seu ambiente inferior ao ambiente superior do personagem Deus. Então, comenta: “É... Deus, você não acha que tá fazendo uma tempestade em um copo d’água?”. No q2, à direita, e entre o planeta e uma arca, o personagem Deus responde de forma eufórica (como se observa no negrito e aumento gradativo da fonte e nas parábolas que aparecem em torno da fala) enquanto promove uma tempestade no planeta terra: “Não! É uma tempestade em um planeta! Planeta!”. À direita o personagem Luciraldo diz, ainda no buraco, com expressão de desistência: “Aff... deixa pra lá.”.

Observa-se que em q1 o personagem Luciraldo faz uso de uma frase feita, de uma expressão idiomática, já pertencente ao uso popular (Tempestade em copo d’água), por meio de uma citação com uma pequena alteração sintática. As

expressões idiomáticas são frases curtas comumente utilizadas na linguagem informal e já pertencentes à cultura popular e cujos significados ultrapassam o literal, neste caso significa fazer confusão com algo insignificante ou de pouca importância. Já em q2, o personagem Deus retoma a mesma citação utilizada por Luciraldo em q1 e através de uma adaptação bem marcante: “[...] *tempestade em um planeta!*”, o autor faz uso do recurso de substituição de palavras, ao trocar a expressão “copo d’água” por “planeta” e, desta forma, subverte a citação da frase popular, utilizando-a, inclusive, em sentido literal.

Sobre o resgate do texto fonte, como explicita Koch (2009, p.147) acerca de algumas situações similares às trazidas na tira: “No caso dos provérbios, frases feitas, ditos populares, a fonte é um enunciador genérico, representante da sabedoria popular, da opinião pública (a “*vox populi*”) [...], de modo que a recuperação é praticamente certa”.

Ainda em q2 tem-se um caso de alusão, tendo como referências as passagens imagéticas da “arca” e do “planeta sendo submetido a uma tempestade e inundação” e aludindo ao texto bíblico do dilúvio, encontrado no livro de Gênesis, capítulos 6 e 7, no qual Deus decide exterminar a humanidade ao perceber que sua criação se encontrava desfigurada diante de tanta maldade e violência.

Analisando a T(4) por um *parâmetro constitucional*, nota-se que no *aspecto composicional* as relações intertextuais se dão por meio de uma derivação já que toda a tira se constrói em torno da expressão popular “Tempestade em copo d’água” e dilúvio; sendo que em q1 apresenta-se *formalmente* por meio de uma reprodução, já que é uma citação, em q2 por meio de uma adaptação, pois há uma preservação do conteúdo original, mas constitui-se pela substituição de palavras e, ainda, uma relação de menção, no caso da alusão ao texto bíblico do dilúvio por meio da adaptação feita corroborada pelos elementos imagéticos: a representação da tempestade e da inundação do planeta e a imagem da arca.

No tocante ao *parâmetro referencial*, embora não apresente de forma expressa a autoria, nem indícios de autoria, as relações intertextuais presentes nas falas da tira podem ser tomadas como explícitas, considerando que a expressão idiomática já faz parte da memória cultural do leitor e que por ter um produtor genérico não será atribuído de modo específico. Quanto à segunda relação, aparece implícita ficando o conhecimento e resgate da fonte associadas às referências imagéticas atreladas às outras relações intertextuais, tendo ainda como indício o personagem Deus, que está sendo definido nas análises como marca de Antigo Testamento.

Quanto ao *parâmetro funcional*, nota-se que em q1 há na relação intertextual uma captação para a convergência com o texto fonte na qual a expressão popular “[...] *fazendo uma tempestade em um copo d’água*” é utilizada com a mesma intenção argumentativa do uso da expressão idiomática em outros contextos de recorrer a uma conotação para expressar que algo está sendo feito de forma exagerada diante de sua motivação, no caso apresentado na tira que o personagem Deus está agindo de forma precipitada e muito feroz ao mandar um dilúvio e inundar a terra, já que para o personagem Luciraldo a motivação – o pecado, a violência, o mal etc. – não é algo tão grave.

Em q2, se a relação intertextual de menção também é de captação, a relação de adaptação, por sua vez é de subversão. No primeiro caso, na relação intertextual



de menção por meio de alusão à passagem bíblica do dilúvio no Livro de Gênesis segue o mesmo posicionamento do texto fonte, não observando nenhum tipo de depreciação ou distanciamento. A alusão feita proporciona o resgate do texto fonte com sua essência argumentativa inicial, apresentando Deus enfurecido com os homens que havia criado, mandando um dilúvio à Terra, resguardando apenas os que estavam na arca, produzida a seu comando. Embora, o texto fonte não apareça na tira, os referentes centrais aparecem e da forma que são dispostos no contínuo da tira configuram uma releitura, uma reconto, uma paráfrase da cena sem pontuar qualquer tipo de fuga.

Observa-se, no entanto, que a representação é feita por meio de recursos visuais, transposição de linguagem que requer consideração de suas peculiaridades, mas que, de acordo com a análise que se propõe não desconfigura o texto fonte – o texto fonte é aludido em uma representação estática própria da linguagem verbal no gênero tira, mas têm-se: um Deus enfurecido, uma arca preservada, tempestade e o planeta terra inundado.

No segundo caso, depreendido em q2, da relação intertextual de adaptação da expressão idiomática *“Não! É uma tempestade em um planeta! Planeta!”* observa-se um caso de subversão, no qual a intenção é justamente oposta ao propósito de uma expressão idiomática: a fala do personagem conjectura-se em uma proposta denotativa. A expressão representa, literalmente, a tempestade sob um planeta, na mesma medida que põe em oposição as posturas dos dois personagens diante da motivação da raiva: se para Luciraldo o pecado, o mal, a violência etc. é um motivo fútil para um castigo, para o personagem Deus, tanto da tira quanto na Bíblia, é motivo suficiente para uma punição; então, a fala do personagem à medida que se distancia da expressão popular se aproxima da citação bíblica aludida.

Quanto ao humor, um traço determinado socialmente como um propósito comunicativo inerente ao gênero tira, conforme se pode abstrair da análise, pode aparecer de forma bem discreta, como em T(4), ou nem ser considerado a depender da postura assumida pelo leitor. O mesmo poderá acontecer com o regime satírico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo-se do interesse em investigar como se davam as relações intertextuais presentes na construção de exemplares de tiras de “Um sábado qualquer”, de Carlos Ruas Bon, cuja recorrência já tinha sido comprovada por Castro (2016), empreendeu-se os estudos e análises apresentados nesse artigo.

As análises permitiram observar que as tiras de “Um sábado qualquer” trazem sempre uma relação intertextual com alguma passagem ou texto bíblico independente de trazerem aspectos intertextuais com outros tipos de textos como música, provérbios etc. Assim, uma mesma tira pode apresentar diversas relações intertextuais, tendo somente um ou podendo ter mais textos fontes, havendo um paralelo entre esses textos fontes, gerando uma movimentação entre aproximação de um texto fonte como ratificação ou refutação de um outro texto fonte.

Disso se amplia a perspectiva de que as relações intertextuais se dão de forma coadunadas e em consideração de um propósito maior – a produção de

sentidos do texto, bem como de que relações intertextuais podem servir à formação de outras relações intertextuais. Essa coadunação de relações de intertextualidade pode ser percebida a partir da aceitação do atravessamento de parâmetros, como proposto em Nobre (2014) e Cavalcante, Nobre e Brito (2018).

Nos exemplares analisados percebeu-se, por exemplo, que o fenômeno intertextual se dá por meio de conexões entre as relações tendo sido possível detectar nas tiras todas as relações apresentadas por Nobre (2014), e não de forma isoladas, mas interconectadas em uma mesma tira. Abstraiu-se, ainda, que um traço comum a todas as tiras analisadas é o parâmetro referencial de explicitude, dado ou pela notoriedade do texto fonte ou pelas marcações de autoria ou do texto deixadas na tira, muitas vezes por elementos imagéticos, um elemento característico do gênero tira, e ainda pela apresentação ou indício do texto fonte no próprio título da tira.

Uma observação de bastante relevância, inclusive, é a da função de elementos imagéticos na constituição da intertextualidade, como se viu em algumas tiras cujas referências ou alusões são marcadas nesses elementos.

Um ponto conflituoso na análise é a determinação, na consideração da funcionalidade das relações intertextuais, dos aspectos lúdicos e satíricos. Conflito que perpassa toda a teoria sobre os estudos da intertextualidade, mas que nos estudos mais atuais tem abrandamento na percepção de coexistência de ambos os regimes.

O que se constatou foi que as relações intertextuais, no gênero tira, estão como fundamentais para a constituição dos aspectos humorísticos – propósito socialmente determinado como do gênero tira – estando a quebra de expectativa no gênero – a marca de geração do humor – sempre em torno dessas relações intertextuais.

Assim exposto, ratifica-se que a intertextualidade converge para a produção das tiras e que quando resgatadas pelo leitor ampliam as possibilidades de significação. Inter-relação ratificada em dois níveis e constatada em um outro: relações entre produtor e leitor dada na interação quanto à produção de sentidos; relação entre os fenômenos que constituem a intertextualidade; e a relação entre textos fonte na formação. Depreende-se, ainda, que, como era esperado no gênero tira, as linguagens verbal e não verbal convergem juntamente na construção das relações textuais e intertextuais e, conseqüentemente, na produção de sentidos.

---

## Referências

---

BÍBLIA. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. São Paulo. Sociedade Bíblica católica internacional e Paulus, 1990. (Velho testamento e Novo Testamento).

CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo. *Referenciação, multimodalidade e humor em tiras cômicas do Gatão de meia-idade, de Miguel Paiva*. Campinas, SP: Pontes editores, 2017.

CARVALHO, Ana Paula Lima de. *Sobre intertextualidades estritas e amplas*. 2018. 133 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

Disponível em:

[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39589/9/2018\\_tese\\_aplcarvalho.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/39589/9/2018_tese_aplcarvalho.pdf)  
Acesso em: 04 abr. 2019



CASTRO, Thiago E. C. *Tiras cômicas: interações e mediações na linguagem das tiras*. 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e sociedade) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba. Disponível em:  
[http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1802/1/CT\\_PPGTE\\_M\\_Castro,%20Thiago%20Estev%C3%A3o%20Calixto%20de\\_2016.pdf](http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1802/1/CT_PPGTE_M_Castro,%20Thiago%20Estev%C3%A3o%20Calixto%20de_2016.pdf). Acesso em: 10 out.2018.

CAVALCANTE, M. M. *Os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M.; FARIA, M. G. S.; CARVALHO, A. P. de. Sobre intertextualidades estritas e amplas. *Revista de letras*, Fortaleza, v.2, n. 36, p. 7-22, jul./dez. 2017. Disponível em:  
<http://periodicos.ufc.br/revletras/article/view/31250/71735>. Acesso em: 12 fev. 2018.

CAVALCANTE, M. M.; NOBRE, Kennedy Cabral; BRITO, M. A. Intertextualidade como recurso humorístico em desenhos animados. In: CARMELINO, Ana Cristina; RAMOS, Paulo. *Gêneros humorísticos em análise*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2018. p. 179-196.

FARIA, M. da G. dos S. *Alusão e citação como estratégias na construção de paródias e paráfrases em textos verbo-visuais*. 2014. 118 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em:  
[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8919/1/2014\\_tese\\_mgsfaria.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8919/1/2014_tese_mgsfaria.pdf). Acesso em: 09 abr. 2018.

GENETTE, G. *Palimpsestos: a literatura de segunda mão*. Extratos traduzidos por Cibele Braga; Erika Viviane Costa Vieira; Luciene Guimarães; Maria Antônia Ramos Coutinho; Mariana Mendes Arruda; Mirian Vieira. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2012.

NOBRE, Kennedy Cabral. *Critérios classificatórios de processos intertextuais*. 2014. 127 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em:  
[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8243/1/2014\\_tese\\_kcnobre.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8243/1/2014_tese_kcnobre.pdf). Acesso em: 22 maio 2018.

PIÈGAY-GROS, Nathalie. Tipologia da intertextualidade. Intersecções. *Revista sobre práticas discursivas e textuais*, São Paulo, ano 3, n. 1, p 220-244, 2010. (Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante; Mônica Maria Feitosa Braga Gentil; Vicência Maria Freitas Jaguaribe). Disponível em: [http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/intersecoes/pdf/intersecoes\\_ano\\_3\\_numero\\_1\\_20100516.pdf](http://www.portal.anchieta.br/revistas-e-livros/intersecoes/pdf/intersecoes_ano_3_numero_1_20100516.pdf). Acesso em: 14 jun. 2018.

RAMOS, Paulo. Humor nos quadrinhos. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 185-217.

RAMOS, Paulo. Pontos de fuga: registros do processo de alargamento do formato das tiras. *9ª Arte*, São Paulo, v. 3, n. 1. P. 85-103, 1º sem. 2014. Disponível em:  
<https://www.revistas.usp.br/nonaarte/article/download>. Acesso em: 05 maio 2018

RAMOS, Paulo. *Tiras no ensino*. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & cia*. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2003.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMA, Angela. *Como usar as histórias em quadrinho na sala de aula*. 4. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012. p. 7-30.



---

### Para citar este artigo

---

SOUSA, Mariana Machado de. As relações intertextuais e suas inter-relações na constituição de tiras: um recurso à produção de sentidos. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 10, n. 1, p. 64-84, jan.-abr. 2021.

---

### A autora

---

**Mariana Machado de Sousa** é mestranda no Mestrado Acadêmico em Letras, na Universidade Estadual do Piauí. Especialista em Língua Portuguesa e Estudos Linguísticos e Literários pela Universidade Estadual do Piauí, graduada em Letras – Português e graduada em Normal Superior, também pela Universidade Estadual do Piauí. Professora do Ensino Básico, atuando na rede municipal de Teresina, como professora do quadro efetivo, tendo atuado no cargo de vice-direção escolar durante 2013/2014. Professora no Ensino Superior de graduação e pós-graduação, como professora e como tutora, ministrando disciplinas nas áreas dos estudos linguísticos e na área da educação. Membro do grupo de pesquisa GETEXTO – no Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Atua na docência desde 2006. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-2143-1358>.